



Respirar

*O filho menor está morrendo
 As filhas maiores soluçam forte
 Caem lágrimas de pedra. Mãe querendo
 Levar menino morto: feio de sofrer, cara de morte
 Desolação. Silêncio apavorando
 Solo sem fim pegando fogo.
 Não há direção. O sol queimando
 Embrutece. Cabeça vazia de bobo
 Há quanto tempo? Famintos e sem sorte
 A água pouca, ninguém pede nem faz menção
 Água, água, se acabar, vem a morte.
 Estão irrigando a terra? É barulho de água? Alucinação
 Que Santo nos poderia livrar?
 Reza de velho louco
 Deus pode a todos castigar.
 Que é que esse menino tem? Está morto.*



(Portinari 1903-1962, poemas escritos em 1960-61)

O filho do pintor Portinari, João Candido, que doou os direitos de reprodução de 12 obras de seu pai para o Programa Fome Zero, ofereceu ainda a este Linha Direta esta poesia do artista.



PT

Linha Direta

De 14 a 20 de dezembro de 2002 • R\$ 1,00

www.pt-sp.org.br

PT São Paulo

Operação Trabalho

Bolsa Trabalho

Capacitação Ocupacional

Vai e Volta

Morar Melhor

ORÇAMENTO PARTICIPATIVO

COORDENADORIA DA Participação Popular

Paulo Conita

cidadania EM CENA bibliotecas da cidade

ENTREVISTA

Marta Suplicy

Prefeitura de São Paulo: 2 anos

PR EITU DE

A esperança venceu o medo e deve vencer o egoísmo, a mesquinha ria e a sofreguidão

O grito "Agora é Lula" sacudiu o país, e a vitória, com seu formidável simbolismo de Davi contra Goliás, inflamou corações e mentes na crença coletiva, que já virou frase de camiseta: "a esperança venceu o medo". Recente pesquisa da FGV revela que mais de 90% dos eleitores acreditam que o novo governo será muito melhor, em todos os aspectos. Esse entusiasmo é maravilhoso – como nunca se viu entre nós – mas todos sabemos (e os exemplos históricos são pungentes) que não se acende a esperança de um povo impunemente. Descarnada de mudanças significativas, a esperança define em decepção, revolta e na perigosa convicção de que voto e democracia "é tudo ilusão" e que "os políticos são todos iguais". Já vimos esse filme, e ele não acaba bem.

Não se trata, é claro, de abafar o clima de felicidade cívica – que bom, meu Deus! Clima que decorre também do carisma de Lula e da legitimidade auferida no processo eleitoral e nesse momento especial de diálogo com os governantes atuais, os partidos, empresários e finanças, os movimentos e "forças vivas da nação", o poder americano, a globalização, "Europa, França e Bahia". Urgente e necessário é manter o leme orientado para aquilo que o PT sinalizou fortemente durante a campanha: o eixo estruturante do programa de governo é a questão social. Esta articulação em torno do "Fome Zero", apesar das críticas pontuais, marca o início da definição de prioridades no sentido da mudança visando as enormes carências do povo (emprego, segurança, educação, saúde, moradia).

Os valores democráticos e republicanos estão na raiz da proposta petista, mesmo, e sobretudo, para os que têm no horizonte a construção de uma sociedade socialista (a qual não será, é óbvio, tarefa de quatro anos!) fundada radicalmente na liberdade, na igualdade e na solidariedade. Isso significa a defesa e a garantia dos direitos humanos fundamentais. No nosso caso com especial

ênfase nos direitos econômicos, sociais e culturais (Cultura abrange toda a vida, "A gente não quer só comida..."). E também avulta, com a maior urgência, o direito à segurança (liberdade é essencialmente estar livre dos medos e das carências básicas), exigência de todos, porém cuja falta atinge mais cruelmente as classes populares.

Tudo isso depende de um conjunto de políticas públicas que devem envolver todo o governo – daí a importância da escolha de nomes para a área econômica e de planejamento, pois sem recursos nada de novo poderá ser feito, por mais que se tenha a tal da "vontade política", sempre lembrada. É por isso também que a nomeação para o Banco Central provoca tanta angústia – como atender ao mesmo tempo ao "mercado" e aos compromissos com a justiça social? Lula já reiterou, várias vezes, que não é santo milagreiro.

Os valores democráticos e republicanos estão na raiz da proposta petista, mesmo, e sobretudo, para os que têm no horizonte a construção de uma sociedade socialista

Do mesmo modo, é urgente a definição institucional de canais para a participação popular, incluindo o aperfeiçoamento do Orçamento Participativo, em todos os níveis (já existem propostas jurídicas para sua implantação federal) e dos conselhos gestores, bem como a necessária revisão da lei

de 1998 que regulamenta referendos, plebiscitos e iniciativas populares. É da natureza ética de um governo petista a consolidação da democracia como soberania popular, com regras claras, com transparência e pluralismo, sem descuidar do aprimoramento da necessária e legítima representação.

No contexto da América Latina, a vitória do PT trouxe também alívio e esperança na liderança de Lula nesta fase crucial de inevitáveis confrontos com a hegemonia econômica, política, cultural e bélica dos EUA. As discussões sobre o Mercosul e a Alca, a situação dramática na Colômbia e na Venezuela, as crises na Argentina e no Paraguai dão uma pálida idéia do que nos espreita. O encontro de Lula com Bush pode não trazer soluções, mas pelo menos não revela cenas de vassalagem explícita em nome da

empulhação chamada "colaboração contra o terrorismo", disfarce para a "longa mano" sobre a Amazônia e nossas fronteiras.

Um alerta impenitente diz respeito ao nosso sistema de governo, com a sabida concentração de poderes na Presidência e na capital. O isolamento palaciano e a promiscuidade com os poderes em Brasília são uma das venenosas armadilhas para os novos governantes, que podem perder a sensibilidade para os problemas reais, as críticas e reivindicações do povo (creio que isto foi uma das causas dos desacertos do governo FHC, que sai convencido de ter realizado uma "revolução silenciosa" ...)

Os desafios são tremendos. Se forem mantidos os compromissos inegociáveis – desenvolvimento sustentável com soberania, democracia participativa, ética e garantia dos direitos humanos – a esperança permanecerá "encarnada" na cidadania ativa. Os previsíveis embates com os partidos e o Congresso (o que virá das reformas tributária, da previdência e agrária?), a manipulação dos meios de comunicação, os problemas com o Judiciário, a sobrecarga de demandas e pressões da sociedade, a crise econômica e seus desdobramentos no país e no mundo, tudo isso nos afflige. Mas o que sangra na maior dor será uma insana disputa intramuros. Os dirigentes petistas que se conscientizem, com coragem e altruísmo, de sua imensa responsabilidade diante do povo e da História. A esperança venceu o medo e deve vencer também o egoísmo, a mesquinha ria, a sofreguidão e até mesmo o ridículo das lutas internas.

Mais do que nunca ouçamos Gramsci e sejamos céticos no diagnóstico e otimistas na ação. Viva Lula, viva o povo brasileiro.



Maria Victoria de Mesquita Benevides, socióloga, é professora da Faculdade de Educação da USP. Foi membro da Comissão do Programa de Governo e ouvidora da campanha presidencial

GOVERNO Lula